

## **PULSÃO DE MORTE - DR. FREUD, UM ANTROPÓLOGO?**

"Revertere ad Locum Tuum"

### **PARA INTRODUIZIR**

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, participaram e influenciaram na minha formação: minha analista, os professores, os supervisores, os "amigos de copo e de cruz", mas especificamente a duas pessoas. Significativamente, a primeira eu encontrei logo no início da formação e a segunda, agora no final. Foi o Dr. José Candido Bastos a primeira pessoa, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, no saudoso "Curso de Introdução à Teoria Psicanalítica das Neuroses", que acolheu e incentivou minhas dúvidas sobre o assunto. A segunda, Dr. Abram Eksterman, tem me ajudado a pensar esse tema.

Quando ainda Membro-provisório da nossa Sociedade escrevi um pequeno trabalho sobre este mesmo assunto, o qual foi apresentado na última etapa do "Curso Histórico, Evolutivo e Temático da Obra de Freud". Chamei, na época, este artigo de: "Pulsão de Morte - Reflexões" e usei a mesma epígrafe acima. Relendo o texto, voltou claramente à memória o sentimento que serviu de mola para o escrever. Desde a irônica escolha de uma epígrafe religiosa, e passando pelos parágrafos do trabalho, para mim retornou nitidamente a minha má vontade com o conceito e com sua estruturação teórico-clínica. Curioso então que, anos depois, recém finda minha formação, este tema tenha voltado a ocupar a minha mente, obrigando-me a dar continuidade a antigas reflexões, como que para resolver a má vontade. É curioso também que tenha resolvido tornar público estes pensamentos, os quais, sem dúvida, gerarão polêmica.

Quando me vi novamente obrigado a escrever sobre o assunto neste momento, não pude deixar de pensar em ser esta uma tentativa de fechar um ciclo (estudantil?), e a publicação destes pensamentos a tomada de um caminho meu, baseado em Freud, mas não simetricamente igual. Estranho, não é? São significados (representações) e o tema é Pulsão de Morte. Coisas incompatíveis, pois na concepção freudiana esta Pulsão é silenciosa, isto é, sem representações. Não vale aqui argumentar que é Eros tentando domesticar (dar significados, representações) Tanatos porque aí acaba a discussão e estamos conversados. O que eu quero é justamente conversar sobre tão polêmico assunto, porque toda vez que participo destas discussões tenho a impressão de que se está falando de várias coisas ao mesmo tempo e num mesmo saco, sem diferenciar os gatos.

## SURGIMENTO DO CONCEITO

Estamos em 1920 e o mundo está saindo da Grande Guerra. Freud, que até então não admitia a existência de uma Pulsão Agressiva no mesmo nível das de auto-conservação e das sexuais (6), apresenta a este mundo um trabalho - "Além do Princípio do Prazer" (15) - no qual defende exatamente esta idéia. Para justificar-se não se envergonha de usar argumentos do tipo: "viemos e voltaremos ao inorgânico", "existe algo que nos leva à morte e que inclusive luta para defender o organismo de outras mortes que não

a natural", etc., etc.

Ainda neste artigo, Freud afirma que a Pulsão de Morte (no singular e não no plural como alguns autores, aumentando a confusão, usam) "é a Pulsão por excelência, pois tende à redução absoluta das tensões internas, impelindo o ser vivo a retornar a um estado que, pela ausência de tensões, só poderia ser o estado inorgânico".

Nesta definição pode-se ver também a suposição teórica em que se baseia este novo conceito. É o Princípio do Nirvana, segundo o qual o aparelho mental seria regido por uma tendência a reduzir a zero as tensões existentes internamente. E com isso o Princípio do Prazer perde sua soberania...

Tanto as definições usadas para a Pulsão de Morte, quanto a escolha do nome do seu Princípio regulador, têm penumbras associativas com temas religiosos e filosóficos transmutados em cientificidade, como por exemplo a substituição do pó bíblico por um suposto estado inorgânico prévio.

Aqui cabe uma parada. Como Freud foi arrojado nesta argumentação, chegando até a assumir tons proféticos, não é? Para onde estaria olhando? Estaria falando de pulsões? De instintos? Da morte e suas representa"ções? De algo para além da morte? A idéia de que fomos em algum momento inorgânicos lembra o Dr. Frankstein tentando criar vida a partir de um boneco, como se o processo de surgimento da vida não fizesse parte da própria vida (orgânica). Além disso, a idéia da volta a um estado inorgânico anterior introduz a noção de que a vida e a morte fazem parte de um todo cíclico, no qual a idéia de início e fim se esvanece.

Voltemos. O conceito de Pulsão de Morte é trazido à luz junto com modificações na estrutura própria do aparelho mental, e Freud carrega nas tintas de que foram os fatos que o levaram às novas conclusões e que ele se viu obrigado a aceitar, etc., etc. Isto tem o poder de fazer com que imediatamente façamos uma união entre "Segunda Tópica" e a Pulsão de Morte. Será isso necessário? Ajuda? Confunde?

Sem dúvida, a nova pulsão obriga a reformulações no posicionamento das pulsões de auto-conservação e das sexuais. Esta reformulação, feita para abrigar a nova pulsão, gerou inicialmente grande

confusão a ponto de levar Freud a afirmar que a Pulsão de Morte luta para que o indivíduo morra dela e assim não interrompendo um (suposto) ciclo natural (pré-estabelecido por quem?). Na eterna luta conflitual entre conservação (auto e da espécie) e a disrupção fica-se sem saber direito quem é quem com a introdução desta nova pulsão. Vocês conseguem imaginar uma Pulsão de Morte lutando para conservar o indivíduo vivo para que ele morra "naturalmente"? E as Pulsões Sexuais? Elas que eram as responsáveis pelo papel disruptivo, perdem este lugar quando Freud, para resolver o absurdo anterior, as une com as de auto-conservação em Eros, colocando o conflito entre este Eros (conservador) e Tanatos (disruptivo ou o que?). A solução final (17) será colocar todas as pulsões no Id, acabando assim com as

Pulsões do Ego. Só que anos antes (1910) o mesmo Freud definiu as pulsões como algo no limite entre o biológico e o psicológico. No psiquismo, disse ele (12), existem representações. Portanto, no Id só deveriam existir o que? Ah, quase esquecia, a Pulsão de Morte não tem representações (é silenciosa). É um nó só!

Acho que podemos começar a tentar desatar esse nó recuperando, através da história desse conceito, o que, eu creio, Freud procurava dar conta.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

É interessante percorrer a obra de Freud não apenas com o olhar psicanalítico, mas também antropológico. Desde o início, seguindo idéias sobre evolução e adaptação das espécies, Freud tenta discutir a mutação ocorrida no Reino Animal que fez com que no ser humano o comportamento não fosse apenas instintual, como em geral é (apesar de estudos mais recentes já falarem em linguagem animal, comunicação animal, etc.). O Homem, para Freud, não é regido diretamente pelos estímulos, quer sejam internos (instintos), quer sejam externos (realidade). Algo se passou com esta espécie que fez com que ela passasse a reagir a estes estímulos criando representações, as quais, por sua vez, é que vão ditar o comportamento (resposta) do indivíduo, do grupo e até da própria espécie. Sobre o surgimento desta capacidade no ser humano, Freud faz um interessante estudo em seu último artigo descoberto, apesar de escrito em 1915, "Neuroses de Transferência: uma síntese"(20).

Desde o início de sua obra vemos Freud trabalhar com a noção de conflito, seja através dos "pares antitéticos", de "idéias incompatíveis", até a expressão clara da existência de um conflito inerente ao ser humano entre a sua (e da espécie) conservação e seus desejos.

Mas, antes de falarmos do conflito, precisamos esclarecer os dois polos do mesmo. É graças às noções de "Pulsão", de "Necessidade" e de "Anáclise" ou "Apoio" que Freud vai delinear os polos que regem o ser humano. É para tentar dar conta da particularidade humana de simbolizar que Freud precisa criar a "mitologia pulsional", elo entre o biológico (estímulos internos, necessidades instintivas) e o psicológico (representações, significados, símbolos).

Ele é genial quando percebe que:

1- As bases desta simbolização dizem respeito às pesquisas quanto às origens do próprio indivíduo (4), repetindo assim a história da espécie (de onde vim? como nasci?, etc.);

2- Para a formulação destas hipóteses o ser que está surgindo se apoia nos seus estímulos corporais (instintos e estimulação corporal externa feita por quem cuida dele). É assim que a Sexualidade (simbolização) surge tomando como apoio (Anáclise) os instintos de auto-conservação (Necessidade) e os estímulos externos (Realidade, quem cuidadele).

É interessante notar que a nosologia criada por Freud nessa época é a expressão destes pensamentos. Vejamos: as "Neuroses Atuais" seriam aquelas por falta de satisfação instintual; as "Psiconeuroses", aquelas decorrentes do conflito entre sexualidade (desejos) e a auto-conservação (repetindo a filogênese?); e as "Psicoses", frutos do conflito entre Realidade (representação desta) e a sexualidade (desejos).

Tenho a impressão que a obra (e talvez a vida) de Freud tenta, ao mesmo tempo dar conta desta observação antropológica e da observação individual (clínica), oscilando ora mais para uma, ora mais para a outra. E isso, às vezes, gera complicações e contradições como espero poder mostrar.

Bom. Chegamos em 1914, nas portas da Primeira Grande Guerra. Freud vem de uma longa e difícil discussão com alguns discípulos sobre exatamente estas questões. O texto "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução"(11) é a resposta freudiana às teses junguianas sobre o Homem. Nesse texto, Freud coloca os instintos de auto-conservação no Ego, transformando-os em Pulsões (desse Ego). Faz isso em resposta à tese junguiana de uma só energia mental; tese esta que descaracteriza a noção de Libido, definida por Freud como a energia mental relacionada com o processo de simbolização e que pode ser encontrada livre ou ligada às representações.

A resposta de Freud a Jung é radical. Até os instintos de auto-conservação são transformados em pulsões: o Homem, estaria dizendo Freud, é um ser pulsional e o conflito se dá entre a Libido do Ego e a Libido objetual. Trocar o instinto (satisfação direta, imediata e fixa) pela simbolização (satisfação mediata e infinitamente mais ampla) que, no texto acima citado é apresentada como estruturante da representação de si mesmo, é o caminho da evolução humana para Freud. Com essas idéias, Freud preserva sua noção básica de conflito como algo inerentemente humano e mantém sua pesquisa antropológica sobre as mutações/adaptações do bicho homem.

Em "Totem e Tabu"(10) podemos ver a mesma discussão, aí personalizada no Pai da Horda Primitiva (instintual) que é morto dando origem às Leis, linguagem simbólica da espécie. Podemos ver também toda a audácia de Freud quando afirma que existem fantasias que são transmitidas através das gerações. É a afirmação peremptória que o bicho homem sofreu uma mutação radical, a qual, como toda mutação que favorece a adaptação e a sobrevivência, foi incorporada e passou a ser transmitida. O Homem, se foi um animal (instintual) deixou de sê-lo para sempre e há muito é também simbólico, representacional!

Estas formulações vão ser teorizadas ainda nos textos "O Inconciente" (12) e "Neuroses de Transferência: Uma Síntese" (21). Como sempre faz, sua teorização é tanto clínica quanto antropológica. É o seu eterno balanço.

No primeiro destes trabalhos, a teorização é principalmente clínica (sobre o individual). É nele que Freud define o núcleo do Inconsciente como sendo formado pelas representações do ocorrido no passado da espécie + aquelas ocorridas na primeira infância. A separação nítida entre consciente e inconsciente só ocorreria na puberdade.

Já no segundo texto, ele lança uma hipótese antropológica bastante interessante. Vincula o surgimento da capacidade de simbolização com as imensas dificuldades de sobrevivência nos períodos glaciais. No seu caminhar, Freud esbarrou em situações clínicas complicadas e alguns fracassos terapêuticos. As explicações alcançadas nunca o satisfizeram. Até então o Homem, para Freud, tentava realizar seus desejos (cenas nas quais as representações simbólicas das primeiras experiências de satisfação são colocadas em ação). Quando não o conseguia, adoecia. O ideal, implícito, seria poder ampliar ao máximo a rede representacional (simbólica), e assim poder realizar os desejos sem colocar (muito) em risco a conservação de si e, portanto, a espécie.

Muito bem. Como então explicar (ou compreender) a existência de forças contrárias ao processo de cura, o qual visaria uma maior possibilidade de satisfação pulsional? Existiriam, então, forças que não seguiriam o Princípio do Prazer?

Desde sempre os desejos, a sexualidade, a Libido, enfim, toda a "mitologia freudiana" tratou dos

processos criativos e evolutivos do homem. A doença era definida como uma parada ou um retrocesso nessa evolução. Mesmo aquilo que poderia não ser assim (como o sadismo, por exemplo) era visto como um componente desta evolução, que deitava sua fonte na primeira relação de amor entre o bebê e sua mãe. Foi um então discípulo (Alfred Adler) quem, pela primeira vez, falou de uma pulsão agressiva. É curioso que nesta mesma época Freud afirmou (6, pag.140): "Não posso admitir uma pulsão de agressão especial, no mesmo nível das de auto-conservação e das sexuais". Por que?

E aí chegamos a 1920... Freud parece se render. Escreve um artigo afirmando que existe algo que não é regido pelo Princípio do Prazer e faz uma nova especulação antropológica. No mínimo é curioso ver o mesmo Freud, que ao longo do início do século XX se afastou mais e mais da Neurobiologia, abraçando

uma "Psicologia Profunda", voltar atrás e lançar mão da Biologia para embasar o que, para ele, estaria além do Princípio do Prazer (melhor seria, como veremos, aquém).

O Freud pulsional foi quem deu ao mundo o maior avanço na compreensão do que é particular ao ser humano, e que após a oposição ao polegar foi o maior ganho da espécie na luta pela sobrevivência e adaptação ao seu meio. Foi (e é) a capacidade de simbolizar, de ter consciência de si mesmo e da realidade (seja isso o que for), que fez (e faz) o homem não ser mais submetido à vida instintual.

Este mesmo Freud, tentando responder aos impasses relacionados àquelas questões advindas da sua "luta" contra a doença, acaba formulando nova especulação antropológica. Escreve um artigo onde, retomando o estudo de algo que descreveu como "Compulsão à Repetição" em "Recordar, Repetir e Elaborar" (9), pretende demonstrar a existência de uma força, às vezes chamada de diabólica, que não é regida pelo Princípio do Prazer. Nos capítulos iniciais deste trabalho, Freud repassa suas descobertas até o momento (1920) e, com idas e vindas, recordações e confusões que não cabe aqui serem minuciosamente discutidas, pois ultrapassa em muito o âmbito deste trabalho, recoloca questões há muito por ele levantadas como causas de fracassos terapêuticos e exceções ao princípio fundamental que rege o aparelho mental.

Como primeiro ponto toma os sonhos repetitivos e angustiantes das "Neuroses Traumáticas" para explicar que estes sonhos não são regidos pelo Princípio do Prazer, porque a função dos mesmos não é a realização de desejos, e sim uma "função mais primitiva: são sonhos de dominação de estímulos traumáticos (externos)". Por analogia, diz que o mesmo ocorre nos sonhos angustiantes mobilizados no processo analítico, só que aqui se trata de traumas psíquicos, internos. Conclui, então, que existe uma força, a "Compulsão à Repetição", que rege estes fenômenos, "e cuja função é a de dominar situações (externas e/ou internas) traumáticas para que o Princípio do Prazer possa então, e só então, entrar em ação".

Até aqui, neste artigo, nada existe de polêmico e de essencialmente novo. Em vários momentos da sua obra, Freud afirmou que a simbolização foi uma aquisição da espécie humana na sua luta pela sobrevivência/adaptação. Disse também, em outros tantos momentos, que a ontogênese repete a filogênese. Assim, como a espécie fez, o indivíduo precisa dominar seus intintos para ascender à simbolização.

É, nada de novo, parece. Freud estaria apenas chamando a atenção, mais uma vez, para o fato de que existem forças no indivíduo que precisam ser dominadas para o processo simbólico, aquisição maior da espécie, se instaure. Enquanto esta dominação não se dá, a situação traumática (externa e/ou interna) se repete. Dito de outra forma: a cena traumática se repete até ser elaborada simbolicamente. De outra forma ainda: a Libido livre é traumática, a vinculada não.

Como dizia acima, nada de novo. Estamos no terreno psicológico conhecido: pulsões, representações, Princípio do Prazer, pulsão de dominação(4), compulsão à repetição... Aí Freud surpreende. Diz que a compulsão à repetição rege uma força que é ainda mais primitiva no ser humano, e portanto aquém do Princípio do Prazer, que é silenciosa, e portanto sem representações, que se encontra em cada célula do organismo, e que tem por objetivo restaurar um estado anterior, o qual, por ser anterior ao estado atual e orgânico, só poderia ser o estado inorgânico. Finalmente nomeia esta força: "Pulsão de Morte" (Todestriebe).

Eu não sei como é para vocês, mas para mim esta definição tem sempre o efeito de uma bomba na minha capacidade de pensar. Então merece outra parada para examinarmos, mais detidamente, o que está sendo afirmado.

Cinco pontos merecem destaque:

- a) É a força mais primitiva no ser humano;
- b) Sem representações;
- c) Presente em cada célula;
- d) Suposição de um estado prévio ao orgânico;
- e) O nome disso tudo é Pulsão.

Freud passa várias páginas utilizando a Biologia para embasar essas afirmações. Não pode ser à toa que volta a utilizar-se da Biologia. Como dizia acima, o mesmo Freud que deu ao mundo o maior avanço na compreensão do que é particular ao ser humano, esse mesmo Freud pulsional e da "Psicologia Profunda", volta à Biologia. E por que a Biologia? O que é mais primitivo no ser humano + ainda sem representação + presente em cada célula? Isto para mim é = a INSTINTO. Se é assim, como ele conseguiu chamar de pulsão? E a definição dos "Três Ensaio Sobre a Sexualidade" (4)? Ainda: por que a suposição de um estado inorgânico prévio?

Para mim, com essa definição acabamos de sair do espaço mental/psicológico/representacional e voltamos ao espaço biológico/instintual e é aí que reside uma das molas mestras da minha "má vontade" com o conceito e sua estruturação.

A partir daqui o artigo é uma confusão só e varias tentativas de resolver a confusão. Um caso a parte é a justificativa filosófico/religiosa, escrita em tons proféticos, sobre o Princípio do Nirvana. Aqui é acredite ou não. Por isso, sem comentários.

Voltemos ao que pode ser debatido. Na minha opinião, é devido a essa confusão conceitual (instinto ou pulsão, e se é instinto qual seria?) que Freud vai ter que reformular, mais adiante, seu aparelho mental.

Definida como uma nova pulsão, é necessario localizá-la em relação às pulsões do ego e às pulsões sexuais. E aí se instala o caos. A Pulsão de Morte, como objetiva a volta a um estado anterior, só pode ser conservadora. Aí então ela tem que estar junto com as pulsões de auto-conservação (e não é a toa que exatamente neste momento do texto Freud fala também na agressividade). Só que isso leva a um impasse: como pode a auto-conservação levar à morte? É necessario um malabarismo filosófico sobre a vida e a morte para tentar sustentar isso, pois a questão de fundo a ser enfrentada é: qual é, então, a questão básica do ser vivo, a sobrevivência ou a morte?

A solução encontrada, ainda no mesmo artigo, é criar uma nova pulsão para se opor à Pulsão de Morte. Surge Eros, que congrega as pulsões do ego e as sexuais, estas últimas eram, até então, as pulsões por definição.

Novo impasse: agora são as pulsões sexuais que se tornam conservadoras, abolindo completamente o caráter disruptivo da sexualidade. Com isso, todas as pulsões se tornam conservadoras: Eros conserva a vida por um longo período, enquanto Tanatos leva o indivíduo à "morte natural" para reinstalar o estado original, e neste sentido também é conservadora. Para finalizar, Freud mantém o conflito auto-conservação X sexualidade no interior de Eros, e coloca o ego como o reservatório da Libido.

Antes de entrar nas questões específicas da "Segunda Tópica", vale a pena fazer um parênteses para retomar uma pergunta que formulei lá pelo meio desse trabalho. A saber: por que Freud nunca admitiu a agressividade ou um Instinto Agressivo?.

## UM PARÊNTESES OU UMA PROPOSTA

Em alguns pontos do texto "Além do Princípio do Prazer" (15), como em vários outros momentos de sua obra, Freud se aproxima da relação amor X ódio. Especificamente em "Além do Princípio do Prazer" (15) ele acaba equiparando o amor a Eros, e o ódio a Tanatos. É interessante acompanhar esta aproximação mais de perto.

Esta aproximação se dá quando ele passa a trabalhar a dualidade vida X morte para prenciar a fusão e a neutralização de Tanatos por Eros, cujo exemplo seria o sadismo (pode-se aí notar como é também a introdução do conceito de Pulsão de Morte que transforma o masoquismo em um problema econômico). Logo em seguida, ainda no texto, realça a importância, para o ser humano, da união com um outro. Tal união seria o "anseio germinal da espécie e fundamental para estimular os processos vitais".

Eu também acho que aqui vale outra parada para tentarmos ver para onde Freud estava olhando.

Nos "Três Ensaio" (4), ao descrever as características das pulsões pela primeira vez, "relega" o objeto ao lugar puro e simples da satisfação pulsional e pára aí. É principalmente a partir do texto "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" (11) que esta posição do objeto começa a mudar. Hoje é pacífico que o objeto não é apenas o lugar onde a satisfação pulsional ocorre. No texto "Instintos e suas Vicissitudes" (13), Freud relaciona ódio e sadismo com o ego e a auto-conservação, portanto anteriores ao amor. Precisa-se dizer "não" ao outro para poder-se ser, mas precisa-se fundamentalmente do outro para também ser. Este processo de separação/individuação já foi muito bem estudado por diversos autores, e a clínica nos mostra sempre que esse processo é movido a amor e ódio. O reconhecimento da dependência/necessidade/falta e, portanto, do outro diferente e separado de si mesmo é sempre acompanhado por muito ódio e pela dor de se perder um pedaço de si mesmo.

Para exemplificar estas idéias vou tomar emprestado os dois últimos trabalhos sobre Pulsão de Morte que tive contato. O primeiro deles , "Atração Fatal: Reflexões Teórico-Clínicas Sobre a Pulsão de Morte" (1). O segundo é "Mishima, o Hagakure, a Estética da Destruição. Um possível roteiro para as Pulsões de Morte" (29).

Já pelos títulos pode-se notar que são dois trabalhos de "Psicanálise Aplicada" às artes, cujas expressões,

no caso um filme e uma biografia, serviriam como confirmação da existência e exemplos da ação da Pulsão de Morte. Tanto o filme quanto a biografia tratam de duas personagens que acabam destruindo suas próprias vidas e expõem a riscos e ameaças a de outros. Acabei a leitura de ambos (o filme eu também assisti) me perguntando o que pode ser tão forte no ser humano a ponto de tirar a importância da própria sobrevivência?

Essa pergunta, acho, ou não tem resposta por ser absurda, ou justifica pensar-se na existência de uma força contrária à própria sobrevivência, como por exemplo a Pulsão de Morte. Eu particularmente, após refletir, prefiro pensar que a pergunta está é mal formulada. Faz mais sentido pensar a seguinte pergunta: o que é tão fundamental para o indivíduo que paga-se qualquer preço sem se medir (pensar) nas consequências? Em outras palavras: o que pode ser tão fundamental para alguém que a auto e/ou hetero (da esp, cie) conservação, instintos básicos, se esvanecem, podendo chegar a perderem o sentido?

No filme "Atração Fatal", o comportamento da personagem muda quando se coloca a situação da perda do outro. No trabalho sobre Mishima podemos ver um homem tentar tudo para alcançar algo melhor/maior de si, chegando ao extremo de efetuar um ritual mortífero praticado tradicionalmente pelos Samurais, grupo legendário (idealizado?) da terra do personagem.

Tanto o ódio diante da perda do outro, vivido provavelmente como um pedaço de si mesmo ("Atração Fatal"), quanto o vazio da ausência de si mesmo ("Mishima"), levaram ao mesmo destino: à morte.

Será a representação de si mesmo algo tão fundamental a ponto de relativizar a auto e/ou hetero (da espécie) conservação? E o papel do ódio nisso? Por definição ele é um sentimento ligado à agressividade, definida como um comportamento, ação (verbal-mental e/ou física-motora).

Nós psicanalistas somos de opinião que a agressividade precisa ser "domesticada" para o indivíduo poder "evoluir" (pensar, elaborar, etc.). Mas também achamos que é preciso uma dose de agressividade para o mesmo indivíduo poder se separar/individualizar-se e se defender.

Repeti, em muitos trechos deste trabalho, a opinião "antropológica" de Freud que os instintos precisaram ser domesticados (dominados) para que o Homem adquirisse a capacidade simbólica, fundamental para sua sobrevivência/adaptação.

Por que, então, Freud negou-se a pensar a possibilidade da agressividade ser também um Instinto de Auto-conservação do bicho-homem (2)? Instinto esse que, como os demais, sofreria todas as vicissitudes do processo de aquisição simbólica (como foi com a fome, por exemplo).

Autores como Winnicott, varios da "Psicologia do Self" e outros, estudaram a relação entre o fracasso na obtenção da representação de si mesmo ("imagem narcísica", "self verdadeiro", "ego-realidade", etc.) e a existência de comportamentos agressivos/delinquentes.

Acho que talvez o Instinto Agressivo (agressividade) seja tão fundamental para a formação do Eu (representação de si mesmo), quanto o Instinto de Comer (fome) é para a sexualidade. Ambos apoiam seus respectivos processos de formação simbólica.

Aqui fecho esse parênteses esperando retomá-lo em outros trabalhos e/ou ver estas idéias em outros lugares.



## FECHADO O PARÊNTESES...

Antes de abrir o parênteses eu falava na confusão formada com a introdução do conceito de Pulsão de Morte na relação entre as pulsões de auto-conservação X pulsões sexuais.

Com a "Segunda Tópica" Freud abandona a idéia de fixar tipos de pulsões às diferentes instâncias mentais. Decide colocar a todas no Id, inclusive a nova, passando a ser a atuação das pulsões - Eros e Tanatos - nas diferentes instâncias o importante a ser observado, isto é, o quanto de cada pulsão entra na constituição de determinada instância (20). O conflito deixa de ser pulsional e passa a ser entre instâncias mentais.

Se no "Além do Princípio do Prazer" (15) o pensamento de Freud é amplo, geral (sobre a espécie), "antropológico", no "O Ego e o Id" (17) ele vai estudar o que atrapalha a clínica, impedindo a cura. O sentimento (inconsciente) de culpa é trazido à baila como uma das maiores resistências ao processo analítico.

Acompanhando o raciocínio de Freud no "O Ego e o Id" (17) notamos, desde o início, uma mudança significativa. Sua pergunta deixa de ser como e por que algo pode ser inconsciente, para ser como algo evolui da inconsciência para a consciência. É nesse percurso que ele vai delimitar Ego e Id, mostrando claramente que, se são as forças do Id que nos regem, elas precisam ser domadas pelo Ego/Princípio da Realidade. E isso por que? Porque a questão permanece sendo a sobrevivência/adaptação, sem perder de vista a realização dos desejos, na medida do possível.

Surge o Superego. Para chegar a ele (Superego) Freud retoma o que, junto com a sobrevivência/adaptação, talvez seja a questão básica de todo indivíduo: o processo de perda-separação/individuação.

Usei o verbo retomar propositalmente. Desde 1910 com o estudo sobre Leonardo da Vinci (7), passando pelo estudo sobre o Narcisismo de 1914 (11), por "Luto e Melancolia" de 1917 (14) e "Psicologia das Massas e Análise do Ego" de 1921 (16), o processo de transformação do objeto (externo e real) em representação simbólica que passa a ser o próprio indivíduo, o ego, ou a representação de si mesmo, vinha sendo estudado.

A descrição econômica sobre a formação do Superego (transformação das primeiras catexias objetais em catexias do ego, mobilizada pela ansiedade de castração do Complexo de Édipo), significa o que já foi dito inúmeras vezes por Freud: pela auto-conservação abre-se mão dos desejos. É nesse ponto que a evolução individual repete a evolução da espécie descrita em "Totem e Tabu" (10) e em "Neuroses de Transferência: Uma Síntese" (21). A criação do Superego nada mais é do que a ontogênese repetindo a filogênese.

Até aqui tudo bem e nada de muito novo (novamente). Por que, então, foi necessário uma nova instância mental?

Seguindo ainda o texto do "O Ego e o Id"(17) vemos que, é quando retoma as origens do seu pensamento "antropológico", expresso em "Totem e Tabu" (10), que o tema da hostilidade/agressividade reaparece. Isso não deveria surpreender, pois o fenômeno básico do artigo, e que não foi estudado na época, é exatamente este (um assassinato). E mais uma vez Freud diz que a agressividade precisa ser dominada, acrescentando desta vez que o processo identificatório tem também essa função. Como?

Ao longo do "O Ego e o Id" (17), Freud mostra magistralmente como o processo identificatório é base tanto da representação de si mesmo (ego), quanto do superego. Fica claro a dependência do objeto, na medida em que a única forma do Homem "aceitar" perder/separa-se é "colocando" o objeto dentro, isto é, ser também o objeto ou o objeto ser também ele (o indivíduo).

Só que nesse processo, segundo a concepção do anos 20, ocorre a des fusão de Eros e Tanatos e a agressividade vai se localizar, ser armazenada, retida, dominada, no e pelo superego, parte diferenciada do ego para essa finalidade. Para Freud, a agressividade realmente está intimamente ligada à constituição do Eu, da representação de si próprio.

Muito bem. Só que a concepção freudiana da ação da agressividade nesse processo permite a utilização da química orgânica como metáfora: a agressividade seria a energia que é liberada nas reações para a formação do produto principal, no caso o ego. Como produto secundário e indesejável, a agressividade precisa então de um local para ser armazenada e dominada. O superego surge para isso.

Por que a criação do Eu libera agressividade? A clínica e a vida mostram exatamente o contrário. É o fracasso na realização pessoal (na criação da representação de si mesmo - "Mishima") e a ameaça ao Eu (vivida através da perda do outro - "Atração Fatal") que liberam agressividade, a qual poder ser reprimida, transformada no oposto, deslocada, atuada, sublimada, etc., etc. Patente fica a visão freudiana da agressividade como efeito secundário e indesejável, o qual deve então ser dominado.

Explicadas as "reações" que criam o ego e o superego, torna-se necessário, nessa visão, dar um destino ao produto secundário, a agressividade. Veremos como esse equívoco de Freud em relação ao papel da agressividade nesse processo leva a uma série de confusões.

A primeira delas que surge, acompanhando o texto, é em relação à noção, ao conceito, de "ambivalência". O conceito surgiu em 1912 no texto "A Dinâmica da Transferência" (8) para descrever a presença simultânea, na relação com um objeto, de tendências, atitudes e sentimentos opostos de amor e ódio. Junto com a "bissexualidade" foi considerada como algo inato, inerente ao ser humano.

Por definição, Eros e Tanatos nunca são encontrados em suas formas puras, isoladas. Em toda a obra, a única exceção a essa afirmação é o estado patológico de Melancolia, denominado por Freud como "caldo puro de Pulsão de Morte" (17).

Como, então, conciliar ambivalência com Eros e Tanatos? No texto "O Ego e o Id" (17) vemos Freud se debater com essa questão tentando compatibilizá-la com a idéia de fusão/des fusão de Eros e Tanatos. A solução encontrada - a ambivalência seria uma fusão incompleta entre Eros e Tanatos - soa como uma colagem mal feita, pois pressupõe a possibilidade de fusão completa e, pior ainda, transforma em meramente quantitativo (fusão maior ou menor) uma questão que é de outra ordem.

Outra das confusões advindas da visão freudiana da agressividade como efeito secundário e indesejável na constituição do aparelho mental, se relaciona com os conceitos de "identificação" e "sublimação".

Desde a definição do ego como um precipitado de identificações, o processo identificatório sempre foi visto como forma de expansão, ampliação, do Ego. E a sublimação? Ela não é, dentre os mecanismos de defesa do ego, aquele que mais acrescenta para o desenvolvimento da cultura e do indivíduo? Desde sua conceituação, a sublimação não esteve sempre ligada às artes e à investigação intelectual? Sua ação não esteve sempre na derivação da pulsão (sexual) para uma meta não sexual e sempre socialmente valorizada, contribuindo para o processo civilizatório?

Como, então, Freud afirma (17, pag.61) que, quando sublima (e o mesmo para a identificação), o ego está trabalhando em oposição a Eros! Só pode ser para justificar a liberação de agressividade, que, para ele, ocorre nestes processos.

Seguindo-se esse raciocínio freudiano, toda sublimação gera, libera, agressividade, ou aumento de tensão e não, como inicialmente descrito, descarga de tensão de algo que, embora não sexual (objetivo primário), é culturalmente valorizado. Com isso fica então estabelecida uma relação direta, do tipo causa- e-efeito, entre desenvolvimento individual-cultura-agressividade-destrutividade bastante complicada. Ao mudar novamente o pêndulo da clínica para a antropologia, como veremos mais adiante, esta relação ser estudada no texto "O Mal Estar na Civilização" (19).

A última confusão do texto "O Ego e o Id" (17) aparece quando Freud, acabando o artigo, fala da morte como "um conceito abstrato e sem correlativo no inconsciente" (isto é: sem representações). É uma afirmação antiga e, se tem um certo sentido do ponto de vista da definição do inconsciente da "Primeira Tópica" (12), não tem mais nenhum sentido do ponto de vista da definição do Id (17), "Segunda Tópica".

É sabido que no inconsciente - "Primeira Tópica - o que existe são representações adquiridas e herdadas, e que só é representado aquilo que foi um dia vivenciado (pelo indivíduo ou pela espécie): visto, escutado, cheirado, sentido e tocado (12). Como a morte interrompe o funcionamento do aparelho mental, não se teria representação da (própria) morte. Isso não é contraditório com o fato clínico de existirem representações da morte a partir de outras vivências, inclusive a partir da morte de outros.

Na "Segunda Tópica" a coisa muda. No Id, além das representações do antigo inconsciente, agora englobado nesta nova instância, existem as pulsões! (17). Sim, Freud acaba definitivamente com as pulsões das diferentes instâncias (pulsões do ego, pulsões do Ics.), colocando a todas no novo Id. Se Tanatos está não só presente em cada célula do organismo, mas também no Id, por que não existiria correlativo (representações) para a Pulsão de Morte no Id?

Na clínica parece que trabalhamos mais com a noção de inconsciente do que com a de Id. Além disso, a clínica nos mostra também que a vivência mais próxima da própria morte, em vida, é a retirada maciça da libido narcísica, ou seja, o esvaziamento libidinal da representação do Eu, de si mesmo. Neste sentido, realmente certas pessoas vivem a morte em vida e reagem a isso ou se matando, ou tentando matar outros, ou fazendo análise...

E Freud novamente muda o pêndulo. Surge o belíssimo texto "O Mal Estar na Civilização" (19).

Neste texto, reconhece a falha em não ter concedido à agressividade a devida importância e, mais ainda, reconhece sua resistência quando o Instinto Agressivo surgiu a primeiro vez com Adler. Reconhece também que escreveu "Além do Princípio do Prazer" (15) para tentar sair do impasse em que caiu com o texto "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" (11), onde poderia-se depreender que só existiria, como dizia Jung, uma só libido.

Outra curiosidade desse artigo: Freud afirma que, mesmo nos casos em que Tanatos se expressa sem qualquer intuito sexual, mesmo na mais cega fúria destrutiva, sua satisfação se acompanha de grande fruição narcísica. Satisfação em relação a Tanatos? Tanatos regida pelo Princípio do Prazer gerando fruição narcísica?! Como explicar isso?

A explicação vem retomando os "Três Ensaio Sobre a Sexualidade" (4) onde ele disse existir um Instinto de Destruição que, quando inibido em sua finalidade e dirigido aos objetos, proporciona ao ego

a satisfação de suas necessidades vitais e controle da natureza.

Que Instinto de Morte generoso e criativo! Além do que, regido pelo Princípio do Prazer. Freud termina o parágrafo (19, pag.144) dizendo saber que isso é uma contradição teórica. "Seria Tanatos lutando pela preservação da espécie". Não é à toa que, no texto todo (19), usa o termo Instinto de Morte duas ou três vezes apenas. O tempo todo fala , em agressividade.

"O Mal Estar na Civilização" (19) é belíssimo. Mostra ao Homem que, negar sua agressividade só lhe traz problemas. O melhor seria, como o mesmo Freud disse muitos anos antes em relação à sexualidade, se conscientizar dela, pois assim encontrar-se-ia um escoadouro satisfatório e menos prejudicial para a preservação de si e de sua espécie: bem de acordo com o Princípio do Prazer...

## **BIBLIOGRAFIA**

- 1- **Almeida, S.C.** "Atração Fatal: Reflexões Teórico-Clínicas Sobre a Pulsão de Morte". Trabalho apresentado no XVII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, 1988.
- 2- **Bastos, J.C.** "Agressão: Psicanálise e Etologia"; in *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 27 (1-4), pag. 25-30, 1978.
- 3- **Bibring, E.** "The Development and Problems of the Theory of The Instincts"; in *International Journal of Psycho-Analysis*, 50, pag. 293, 1969.
- 4- **Freud, S.** "Três Ensaio Sobre a Sexualidade", 1905; in Ed. Stand. Bras., Imago, RJ, vol. VII.
- 5- **Freud, S.** "Teorias Sexuais Infantis", 1908; idem, vol. IX.
- 6- **Freud, S.** "Análise de uma fobia de um menino de 5 anos", 1909; idem, vol.X.
- 7- **Freud, S.** "Leonardo da Vinci e uma Memória de sua Infância", 1910; idem, vol.XI.
- 8- **Freud, S.** "A Dinâmica da Transferência", 1912; idem, vol. XII.
- 9- **Freud, S.** "Recordar, Repetir e Elaborar", 1914; idem, vol. XI
- 10- **Freud, S.** "Totem e Tabu", 1913; idem, vol. XIII.
- 11- **Freud, S.** "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", 1914; idem, vol. XIV.
- 12- **Freud, S.** "O Inconsciente", 1915; idem, vol. XIV.
- 13- **Freud, S.** "Instintos e suas Vicissitudes", 1915; idem, vol. XIV.
- 14- **Freud, S.** "Luto e Melancolia", 1917; idem, vol. XIV.

- 15- **Freud, S.** "Além do Princípio do Prazer", 1920; idem, vol. XVIII.
- 16- **Freud, S.** "Psicologia das Massas e Análise do Ego", 1921; idem, vol. XVIII.
- 17- **Freud, S.** "O Ego e o Id", 1923; idem, vol. XIX.
- 18- **Freud, S.** "O Problema Econômico do Masoquismo", 1924; idem, vol. XIX.
- 19- **Freud, S.** "O Mal Estar na Civilização", 1930; idem, vol. XXI.
- 20- **Freud, S.** "Esboço da Psicanálise", 1938; idem, vol. XXIII.
- 21- **Freud, S.** "Neuroses de Transferência: Uma Síntese", 1915; Imago Editora, RJ, 1987.
- 22- **Hammond, P.B.** "Physical Anthropology and Archaeology. Selected Readings"; The Macmillan Company, N.Y., 1964.
- 23- **Jaques, E.** "Death and The Mid-Life Crisis"; in Intern. Journ. Psycho-Anal., 01. 46, pag. 502, 1966.
- 24- **Laplanche, J.; Pontalis, J-B.** "Vocabulário da Psicanálise", 3ª edição. Editores Moraes, Portugal, 1976.
- 25- **Lebovici, S.; Diatkine, R.** "Discussion os Aggression: Is It a Question of a Metapsychological Concept?"; in Intern. Journ. Psycho-Anal., vol. 53, pag. 231, 1972.
- 26- **Oliveira, W.I.; Pinto, M.L.; Bastos, J.C.; Martins, R.B.** "Estudo Psicanalítico da Agressão - Aspectos Teóricos e Clínicos". Relatório Oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro apresentado ao II Congresso Brasileiro de Psicanálise, R.J., 1971.
- 27- **Parin, P.** "A Contribution of Ethno-Psychoanalytic Investigation to The Theory of Aggression"; in Intern. Journ. Psycho-Anal., vol. 53, pag. 251, 1972.
- 28- **Rodrigues, J.C.** "Tabu da Morte". Ediciones Achiam, R.J., 1983.
- 29- **Sewald, F.** "Mishima, o Hagakure, a Estética da Destruição. Um Possível Roteiro para as Pulsões de Morte". Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, S.P., 1991.
- 30- **Stern, M.M.** "Biotrauma, Fear of Death and Aggression"; in Intern. Journ. Psycho-Anal., vol. 53, pag. 291, 1972.